



Da morte à biografia de Mandela: acontecimento, celebridade e problema público¹

*From Mandela's death to his biography:
event, celebrity and public issue*

Paula Guimarães Simões²

RESUMO A proposta deste artigo é discutir a morte de Nelson Mandela, tendo em vista a construção de sua biografia por diferentes discursos midiáticos. O objetivo é perceber não apenas como a trajetória de vida do líder sul-africano é retomada a partir desse acontecimento que a encerra, mas também de que maneira este tematizou certas questões públicas no Brasil. Para tanto, refletimos sobre o conceito de acontecimento, ressaltando o seu poder de afetação e o seu poder hermenêutico. Discutimos também a morte como um acontecimento que impulsiona a reconstrução de biografias de figuras públicas e, em seguida, analisamos a morte de Mandela. A análise revela a força dessa figura pública a partir dos valores que ela encarna (como a igualdade e a justiça), bem como o modo como o racismo foi tematizado como um problema público no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE acontecimento; morte; biografia; celebridade; problema público.

ABSTRACT This article aims at discussing the death of Nelson Mandela, looking at the reconstruction of his biography by different media narratives. The goal is to perceive not only how the life of the South-African leader is built by the event that marks its end, but also how such event is mobilized in the emergence of some public issues in Brazil. In order to do so, the paper discusses the concept of event, highlighting the power it has to affect society and its hermeneutic power. It, then, discusses death as an event which fosters the reconstruction of public persons' biographies and analyzes the death of Mandela. The analysis shows the strength of this public person through the values attached to him (such as equality and justice). It also sheds light on the way racism was built as a public problem in Brazil in the context of the reconstruction of this biography.

KEYWORDS event; death; biography; celebrity; public issue.

1 Agradeço ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), à Fapemig (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais) e à PRPq (Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG) pelo auxílio concedido para o desenvolvimento desta pesquisa.

2 Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG e Pesquisadora do GRIS. E-mail: paulaguimaraessimoes@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

As celebridades são constituidoras da cultura contemporânea e ocupam um espaço privilegiado no cenário midiático. Na sociedade hodierna, acontecimentos que constroem tanto a vida privada como a vida pública de personalidades famosas são tematizados em revistas, jornais, programas de TV, nas redes sociais e nas conversas cotidianas. Nesse sentido, os diferentes discursos midiáticos arquitetam uma trajetória de vida para tais figuras públicas ao longo do tempo e são convocados a reconstruí-la a partir do acontecimento que encerra esse percurso: a morte de uma celebridade.

O objetivo deste artigo é analisar a morte de uma figura pública que teve ampla repercussão nacional e internacional: a do ex-presidente sul-africano Nelson Mandela. Procuramos discutir esse acontecimento que impulsionou o resgate e a reconstrução da trajetória de vida de Mandela por diferentes narrativas midiáticas, ao mesmo tempo em que iluminou certas questões públicas. Nesse sentido, discutimos a dupla dimensão de poder da morte do líder sul-africano: seu poder de afetação e seu poder hermenêutico.

Para tanto, procuramos resgatar a trajetória de vida dessa figura pública construída por diferentes discursos midiáticos, evidenciando traços e valores marcantes de sua biografia — o que ajuda a compreender o seu poder de afetação. Além disso, buscamos apreender o que a morte de Mandela revela do contexto social em que se inscreve, destacando questões públicas que foram tematizadas e problematizadas a partir desse acontecimento — o que revela o seu poder hermenêutico. Com isso, objetivamos demonstrar como a morte de uma celebridade impulsiona a reconstrução de sua biografia pela mídia e pode iluminar um problema público

existente, convocando os sujeitos e a sociedade a discutir e a agir em relação a ele.

O texto está organizado em duas partes. Na primeira, discutimos a noção de acontecimento, evidenciando como apreender a morte a partir desse conceito. Além disso, destacamos como essa ocorrência que encerra uma trajetória impulsiona a construção de biografias de celebridades através de inúmeros relatos midiáticos — fazendo perpetuar uma imagem das mesmas na memória coletiva. Na segunda, retomamos a trajetória de Nelson Mandela e analisamos sua morte a partir de dois eixos: o seu poder de afetação e o seu poder hermenêutico.

Acontecimento, morte e biografia

O conceito de acontecimento é entendido, aqui, a partir da perspectiva de Louis Quéré (2005, 2012): como uma ocorrência que irrompe na vida social e afeta a experiência dos sujeitos. Existem diferentes tipos de acontecimento: em nossa vida individual e coletiva, mais ou menos memoráveis. Entretanto, o poder de afetação dos sujeitos (em diferentes graus) é uma característica marcante dos acontecimentos. Afinal, estes

são relativos ao que nós somos, às nossas capacidades e ao nosso sentido do possível, à maneira como somos afetados e ao nosso poder de resposta, aos nossos hábitos e à nossa sensibilidade. (QUÉRÉ, 2005, p. 68)

Isso significa que os acontecimentos nos sensibilizam, nos tocam, nos convocam a dar respostas, a nos posicionar e, muitas vezes, a agir e a intervir a partir de seu percurso.

Outro aspecto central do acontecimento é o seu poder hermenêutico, o que significa que ele é



“fonte autônoma de sentido e de inteligibilidade” (QUÉRÉ, 2005, p. 70). O acontecimento projeta sentidos sobre as situações e pode revelar aspectos configuradores do contexto social em que se inscreve. Como explica Quéré,

abrindo um horizonte de sentido, transportando com ele possibilidades interpretativas, o acontecimento permite, ao que a ele se encontra exposto, descobrir algo de si próprio e da sua situação, aprofundar a compreensão de si e do mundo. (QUÉRÉ, 2005, p. 70)

É nesse sentido que um acontecimento pode iluminar questões de interesse de uma coletividade, ao se inserir em um determinado campo problemático e suscitar o debate acerca delas. Afinal, ele tem um

poder de esclarecer o contexto do conjunto, de revelar os estados de coisas existentes e de realçar os processos em curso. (QUÉRÉ, 2005, p. 71)

Os acontecimentos estruturam e ordenam a nossa experiência — tanto individual como coletiva. A própria trajetória de vida de um sujeito é delimitada entre dois acontecimentos marcantes que a delimitam: o nascimento e a morte. De acordo com Cardoso e Cunha (2005), a trajetória é construída entre esses dois acontecimentos únicos e radicais, esses dois polos — inaugural e final — que uma vida se desenvolve. É entre esses dois acontecimentos que se constitui o sentido de uma trajetória tanto para o seu protagonista como para aqueles que por ele se veem afetados.

Esses dois polos entre os quais uma vida se desenvolve ajudam a compreender a dupla dimensão do acontecimento: como um começo e como

um fim, como propõe Hannah Arendt (1993). A filósofa discute a experiência do totalitarismo como um acontecimento que encerra um processo, configurando-se como o resultado de um encadeamento. Ao mesmo tempo, o acontecimento é um começo capaz de revelar “uma paisagem inusitada de feitos, sofrimentos e novas possibilidades” (ARENDR, 1993, p. 50). Eis o caráter revelador do acontecimento, que traz “à luz a ruína de nossas categorias de pensamento e de nossos padrões de juízos” (ARENDR, 1993, p. 49).

Podemos olhar tanto para o nascimento como para a morte como um acontecimento. O nascimento de um bebê ilumina e reconstrói o passado de seus genitores, ao mesmo tempo em que abre um *novo campo de possíveis* (ARENDR, 1993) para toda a família. A morte, por sua vez, encerra uma trajetória de vida e impulsiona a reconstrução desse percurso; ao mesmo tempo, constrói um futuro que pode ser visto como a perpetuação de uma imagem desse sujeito na memória daqueles que são afetados por essa morte.

Assim, ao olhar para uma trajetória de vida, devemos refletir sobre esses dois polos. De um lado, o nascimento pode ser visto como o início de um processo e revela o seu caráter inaugural: ele abre o campo de possíveis da vida que gera e aponta para o futuro. De outro, a morte — a “única certeza absoluta no domínio da vida” (RODRIGUES, 2006, p. 17) — pode ser vista como o fim de uma trajetória, o encerramento de uma vida que faz voltar para o passado e reconstruí-lo.

No que se refere ao acontecimento final, aquilo que de novo emerge é a totalização do sentido em que vida se encerra. (CARDOSO E CUNHA, 2005, p. 107)

Não se pode questionar a força da morte como acontecimento,

evento derradeiro, cujo peso de acontecimento não pode ser negado, mesmo que se lhe negue o valor de aniquilamento. (RODRIGUES, 2006, p. 17)

A morte é, assim, esse acontecimento único e radical que encerra a trajetória de um sujeito e é o ponto de partida para a construção de sua biografia. Esta é entendida como a interpretação dessa trajetória e apresenta-se a nós como *evenemencial* (CARDOSO E CUNHA, 2005, p. 106), na medida em que, como a escrita de uma vida, a biografia é delimitada por aqueles dois acontecimentos apontados acima.

A morte impulsiona relatos de natureza biográfica: “a morte gera escrita, como já havia observado Michel de Certeau” (DOSSE, 2009, p. 274). Para Pasolini, “a morte realiza uma *montagem fulminante* da nossa vida: ou seja, escolhe os seus momentos verdadeiramente significativos” (1967, p. 196, grifos do autor). Os relatos que compõem essa montagem procuram resgatar a trajetória do sujeito, entendida como um “processo de configuração de uma experiência social singular” (KOFES, 2001, p. 27). Tais relatos buscam evidenciar as marcas de uma trajetória, ou seja, aquilo que

fica impresso, gravado, porventura indelevelmente, sem poder ser apagado, como algo que se imprime no corpo, na carne. (CARDOSO E CUNHA, 2005, p. 105)

São as marcas que se tornam referências, experiências memoráveis na configuração de uma trajetória, cuja apreensão pode revelar não apenas traços do protagonista que a constrói, mas também dos valores, da política e da história

local (KOFES, 2001, p. 23). É nesse sentido que a *vida do outro* pode ser vista

como possibilidade de conhecimento do real, já que ela se constitui como exemplo objetivado de vivências valorizadas e dignificadas pela sociedade ou então por determinados grupos sociais. São biografias que devem ser consumidas enquanto referências de ações e de idéias. (CHAIA, 1996, p. 82)

Na sociedade contemporânea, a mídia tem um papel central na construção de biografias, recuperando trajetórias de vida valorizadas por uma sociedade e potencializando o fascínio dos indivíduos pela vida alheia, como destaca Chaia: “os indivíduos fascinados e atraídos pela privacidade alheia inscrevem na memória os sempre surpreendentes fatos que acontecem desde o nascimento até a morte de alguém. Verifica-se, então, o mecanismo de reelaboração de fenômenos como reescrita da vida [...]” (CHAIA, 1996, p. 76). Assim, a mídia evidencia os acontecimentos que constroem uma trajetória, e suas narrativas acabam por inserir a morte no cotidiano das pessoas: “a morte via meios de comunicação entra nas casas, ainda que a imagem do morto continue proibida. Torna-se pública graças à encenação possibilitada pela mídia, que se transforma, assim, em novos donos da morte” (BARBOSA, 2004, p.12).

Assim, a morte — de pessoas comuns e de celebridades¹ — povoa o cenário midiático contemporâneo e afeta os indivíduos de maneiras diferentes.

1 Celebridades são aqui entendidas como pessoas famosas e singulares, reconhecidas por um público e cuja fama pode variar conforme os “sentimentos humanos”, ou seja, segundo as impressões do público que a reconhece (ROJEK, 2008). Para uma discussão mais aprofundada sobre esse conceito, cf: SIMÕES, 2012; FRANÇA et al., 2014.



Como destaca Rodrigues, “as emoções a sentir e a expressar — tristeza, indiferença, alegria — não são absolutamente questões de decisão individual”, mas dependem “do tipo de morte [...], da condição do morto [...], da posição social do sobrevivente e de sua relação com o desaparecido” (RODRIGUES, 2006, p. 40). No caso das mortes notáveis, de ídolos nacionais ou personalidades públicas de destaque, observa-se nas imagens veiculadas pela mídia “um ritual de celebração, de despedida, que inclui o cortejo fúnebre pelas principais vias da cidade, em carro aberto, ornado pelos símbolos da pátria, de tal forma, que a imagem do morto é substituída pela imagem do seu cortejo e do público que dele participa” (BARBOSA, 2004, p. 1). Aqui, a emoção e a tragédia são componentes frequentes dos discursos que se constroem sobre o acontecimento e que se vinculam na construção de um *puzzle biodiagramático* (PIGNATARI, 1996) do morto ilustre:

as sociedades contemporâneas têm, cada vez mais, reconduzido a morte de alguns notórios eleitos ao “mundo dos vivos” através de sua encenação midiática. Tais mortes têm o poder de deflagrar narrativas que emergem na mídia de forma híbrida, pois articulam informações sobre um real imediato a testemunhos gravados do morto, recuperação de registros nos arquivos de jornais ou de televisão, coleta de testemunhos de seus contemporâneos que permaneceram, narrativas que, muitas vezes, adotam um tom emocionante e trágico. (RONDELLI; HERSCHMANN, 2000, p. 204)

Assim, a morte de uma figura pública impulsiona a construção de inúmeros discursos pela mídia, que resgatam a trajetória do sujeito célebre e constroem — de forma dispersa, mas articulada — uma biografia dessa celebridade. Ao olhar para essa

rede de relatos, podemos apreender traços significativos dessa trajetória de vida, mapeando traços e valores que ajudam a compreender a força de uma figura pública em certo momento. Além disso, podemos compreender aspectos marcantes de uma sociedade à luz da morte de uma figura pública, na medida em que, como acontecimento, ela é criadora ou reveladora de sentidos (QUÉRÉ, 2005).

É nesse sentido que procuramos analisar a morte de Nelson Mandela. A partir de relatos disponibilizados por diferentes discursos midiáticos, reconstruímos sua trajetória de vida, destacamos os valores que nesta sobressaem no intuito de apreender o modo como a própria figura pública e sua morte afetaram a vida dos sujeitos. A partir disso, buscamos apontar alguns dos sentidos do contexto contemporâneo (particularmente, brasileiro) que foram revelados por tal acontecimento.

Uma breve trajetória de Mandela²

Rolihlahla Mandela nasceu em 1918, na aldeia Mvezo, na África do Sul. O nome Nelson, que ele adotou como seu, fora dado por uma professora na infância. Formou-se em Direito e, em 1944, Mandela entra no Congresso Nacional Africano (CNA), onde inicia o seu engajamento político na luta pelos direitos dos negros. Com a instalação do *apartheid*³ pelo governo sul-africano em 1948, o advogado participa de campanhas (a princípio, pacíficas) contra a segregação no país. Frente à resistência do governo (que extingue o CNA e os demais grupos negros) e ao insucesso da luta pacífica, Mandela passa a defender a luta armada. Em 1962, depois de passar por um treinamento de guerrilha na Etiópia, ele é

2 Neste artigo, o *corpus* utilizado para análise é composto por oito matérias publicadas por quatro revistas semanais acerca da morte de Mandela: *Carta Capital*, *Época*, *IstoÉe Veja*.

3 Regime de segregação racial implementado pela minoria branca na África do Sul.

preso acusado de incitar greves e de ter deixado o país ilegalmente. O chamado julgamento de Rivonia durou vários meses e, quando foi concluído em 11 de junho de 1964, Mandela (que já estava preso) foi condenado à prisão perpétua.

O líder sul-africano passa 27 anos na prisão, onde realizava trabalhos forçados e permanece praticamente isolado do mundo exterior — ele podia receber apenas uma visita e uma carta a cada seis meses. Depois de grande pressão internacional, Mandela é solto no início de 1990, aos 72 anos, e o governo sul-africano inicia um processo que acabará por colocar fim ao sistema de segregação. Ao lado do então presidente Frederik Willem de Klerk, o líder ganha o Prêmio Nobel da Paz em 1993. No ano seguinte, é eleito o primeiro presidente negro da história da África do Sul.

Seu governo foi marcado pela conciliação entre negros e brancos e pode ser visto como o responsável pela consolidação da democracia no país. Apesar de suas conquistas, Mandela prefere fazer seu sucessor a perpetuar-se no poder: Thabo Mbeki é eleito presidente em 1999, e o CNA continua no poder até hoje.

Na vida pessoal, Mandela casou-se três vezes, teve quatro filhos e duas filhas. Sua última aparição pública foi durante a Copa do Mundo de Futebol da Fédération Internationale de Football Association (FIFA) na África do Sul, em 2010. Depois de enfrentar um câncer de próstata e complicações respiratórias decorrentes de uma tuberculose que contraíra na prisão, Mandela morre em sua casa em Joanesburgo, em cinco de dezembro de 2013, depois de sucessivas internações hospitalares. Seu funeral reuniu milhares de pessoas, entre chefes de Estado, celebridades e cidadãos sul-africanos que foram prestar sua homenagem a Madiba (nome tribal utilizado para nomear Mandela).

Ao reconstruírem essa trajetória de Mandela, os discursos construídos pelas revistas analisadas elegem traços e valores marcantes que o constituem como figura pública — o que será discutido a seguir.

O poder de afetação da morte de Mandela: valores que marcam uma biografia

Mandela é apresentado como “um líder político pragmático”, que lutou por uma sociedade livre e democrática (ATTUCH, 2013, p. 54), como “o gigante moral que destruiu o *apartheid* na África do Sul” (O MUNDO, 2013, p. 66). Ele

era um revolucionário quando entrou na prisão, e saiu de lá um estadista disposto a negociar com o inimigo a construção de um país mais justo. (GIANINI, 2013, p. 130)

É visto como um “ícone global”, “que mudou seu País — e o mundo — para sempre” (O MUNDO, 2013, p. 67); enfim, como o “último herói de nosso tempo” e “a principal voz da humanidade contra a segregação racial” (SEGALLA, 2013, p. 70). Na *montagem fulminante* (PASOLINI, 1967) que fazem da vida de Mandela, esses discursos midiáticos destacam a sua incansável luta para pôr fim ao sistema racista de seu país. Esta emerge como a grande marca de sua trajetória, que ficou gravada indelevelmente “como algo que se imprime no corpo, na carne” (CARDOSO E CUNHA, 2005, p. 105).

Os discursos analisados são consonantes ao evidenciar a liderança e o heroísmo de Mandela, que também é apresentado como um herói incomum:

Mesmo antes de se retirar da vida pública, Mandela personificou a identidade da nação, mas, em vez de assumir-se como um mito, expunha os próprios erros. Não era pacifista, mas buscava



a paz. Abominava o regime de segregação, mas não guardou rancor de seus representantes. Ascendeu à Presidência nos braços da maioria, mas não se aproveitou dela para se eternizar no poder. Foi assim, desafiando a lógica dos instintos políticos, que ele se tornou o último herói de inspiração global do século XX. Um herói incomum. (GIANINI, 2013, p. 130)

Como um herói, Mandela se situa entre os deuses e os mortais: “é o mortal em processo de divinização”, como destaca Morin (1989, p. 26). É mortal e humano, revelando seus erros e as contradições de seu posicionamento. Mas é também divinizado, alçado ao lugar de grande líder da humanidade por sua luta na conquista de um bem coletivo: a igualdade racial na África do Sul. É incomum na medida em que sua atuação contrasta com a de outros líderes, revelando-se muito singular: quem, a não ser ele,

seria capaz de provocar pesar entre negros e brancos, ricos e pobres, jovens e velhos, reacionários e rebeldes, poderosos e cidadãos comuns? Quem, a não ser ele, poderia ser admirado por tanta gente. (O MUNDO, 2013, p. 66)

O extraordinário na biografia de Mandela é que ele se tornou uma voz mundial, embora tenha passado 27 anos dentro de um presídio, período equivalente a quase um terço de sua vida adulta. O fantástico na trajetória de Mandela é que ele venceu a guerra contra o racismo sem o uso da violência, e eis aqui um ponto em comum com as pregações pacíficas do indiano Mahatma Gandhi. O espetacular na vida de Mandela é ser eleito presidente aos 76 anos sem jamais ter ocupado outro cargo público e lançar a partir daí as bases de uma nova democracia. (SEGALLA, 2013, p. 70)

Ao comparar Mandela ao mártir da independência da Índia, destaca-se o fato de o líder sul-africano ser político (e não espiritual), comprometido com o “combate incansável contra a segregação racial na África do Sul — e no resto do mundo” (SEGALLA, 2013, p. 70). Ao ser comparado a outros mitos (como Che Guevara e Martin Luther King), Mandela é visto como aquele que “deixou uma obra acabada e não a meio caminho” (SEGALLA, 2013, p. 70). Tal a grandeza dessa figura pública, na atualidade, não haveria “substitutos nem sequer candidatos à altura de Mandela”.

Emergem, ainda, comparações com estadistas contemporâneos, como o presidente dos EUA, Barack Obama, o primeiro-ministro britânico, David Cameron, e a primeira-ministra dinamarquesa, Helle Thorning Schmidt, na tematização do constrangedor episódio do *selfie* protagonizado por eles no funeral de Mandela⁴. Tal episódio

embora não tenha o significado que a imaginação popular lhe atribuiu, não deixou de ser desrespeitoso. Não pela descontração — nesse momento, os próprios sul-africanos homenageavam Madiba com cantos e danças alegres —, mas pela obsessão egoísta dos líderes ocidentais com a própria imagem na ocasião em que se homenageava um homem muito maior que todos eles juntos. (COSTA, 2013, p. 59)

O altruísmo de Mandela — que, quando preso, recusou a oferta do governo sul-africano de ter reconquistada sua liberdade em troca de abdicar

4 O episódio diz respeito a uma foto dos três líderes sorridentes para um autorretrato a partir do celular da primeira-ministra dinamarquesa — enquanto a primeira-dama norte americana acompanhava, séria e concentrada, as homenagens a Mandela.

da luta em seu país — é contraposto ao egoísmo e ao egocentrismo dos líderes ocidentais. Aqui, também, salienta-se a singularidade e a excepcionalidade de Madiba, associado a outros valores como a igualdade, a justiça, a dignidade e a democracia. Ele lutou de forma predominantemente pacífica por seu ideal e não instigou a vingança contra seus opressores — outro traço biográfico destacado em todos os discursos analisados.

Esses discursos glorificam, assim, a trajetória de Mandela, destacando a imagem positiva que deve ser perpetuada na *memória coletiva* (HALBWACHS, 2003). Essa imagem agrega valores que se destacam na busca pela realização de um projeto social coletivo — o que nos ajuda a compreender o *poder de afetação* de sua morte em todo o mundo. Sua luta por igualdade, justiça, dignidade e democracia é destacada como um grande legado para as sociedades contemporâneas. Se lembrarmos que vivemos em um contexto muito marcado pelo *individualismo* (TAYLOR, 2011; EAGLETON, 2005), em que os projetos individuais comprometem os coletivos, o legado de Mandela pode ser visto como ainda mais inestimável.

Essa trajetória do líder sul-africano, bem como os valores personificados por ele, impulsionaram os discursos midiáticos (dentre estes, as revistas analisadas) a tematizar inúmeras questões importantes no contexto brasileiro — o que nos conduz ao *poder hermenêutico* da morte de Mandela.

O poder hermenêutico desse acontecimento: revelações sobre o contexto brasileiro

A morte de Mandela impulsionou a tematização de diferentes questões referentes ao contexto brasileiro. Um dos discursos analisados atenta para o fato de essa ocorrência emergir em um “momento em que o mundo em geral e o Brasil em particular

gritam por mudanças” (SEGALLA, 2013, p. 70) — em uma alusão às manifestações que proliferaram pelas ruas do país ao longo do ano de 2013. Outro discurso faz uma crítica aos governantes que ficam disputando os feitos de cada um, enquanto o exemplo de Mandela ensina a conciliação:

O Brasil de 2013 é marcado por uma insalubre divisão política, repleta de debates dispensáveis sobre que governo fez o quê, enquanto necessidades futuras são negligenciadas. (TURRER; SIMÕES, 2013, p. 47)

Além de uma

maturidade na política, Mandela também inspira aqueles que sabem o valor da educação, uma das maiores carências brasileiras. (TURRER; SIMÕES, 2013, p. 48)

O valor da educação é destacado também na trajetória do próprio Madiba, o primeiro membro de sua família a frequentar tanto a escola como a universidade. Entretanto, a grande questão a que somos convocados a refletir a partir da morte de Mandela é sobre o nosso sistema racista e discriminatório que, apesar de não ser legitimado pelas leis — como o *apartheid* sul-africano —, impera em nosso país.

Em um dos textos, há uma comparação entre Brasil e África do Sul, chamando atenção para os grupos que impulsionaram a luta contra o *apartheid* e tematizando o caso do mensalão brasileiro e as injustas prisões dos condenados:

No Brasil, o único líder político que, guardadas as proporções, pode ser comparado a Nelson Mandela é o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Assim como o sul-africano combateu o



apartheid racial, Lula se dedicou a enfrentar o chamado *apartheid* social. Mas também de modo conciliador. Foi capaz de liderar um processo inédito de distribuição de renda e de inclusão na história do País, sem gerar rupturas com a elite. O bolo foi repartido e os ricos se tornaram ainda mais ricos. No entanto, os pragmáticos que lutaram para que o primeiro trabalhador chegasse à presidência de uma nação continental como o Brasil hoje estão encarcerados e se veem como presos políticos. Do lado de fora da Papuda, na elite ressentida, há os que sonham até com a eventual prisão de Lula, pois ele, na visão dos adversários, seria o verdadeiro “chefe da quadrilha”. Em nota oficial, o algoz do PT, Joaquim Barbosa, disse que Mandela “dá esperança a todas as vítimas de injustiça em qualquer parte do mundo”. Aos que se sentem injustiçados por ele, resta o consolo de “Madiba”: “Podem nos tirar tudo, menos nossa alma e nosso coração”. (ATTUCH, 2013, p. 54)

O *apartheid* social no Brasil, sugerido no texto acima, pode ser entendido como essa separação entre grupos com diferentes níveis de renda, conformados em virtude das desigualdades sociais que ainda marcam o contexto brasileiro. Mas essa divisão não existe apenas para caracterizar as classes: as raças também são um critério utilizado por muitas pessoas para segregar e discriminar pessoas no Brasil, como destaca outro texto:

Na África do Sul, a política segregacionista do *apartheid*, combatida por Nelson Mandela, oprimiu a população negra do país de 1948 ao início da década de 1990. Abertamente racista, o regime africano não encontrou muitos ecos no Brasil, onde a ideia da democracia racial — convivência

pacífica entre negros e brancos — está firmemente cravada no imaginário popular. Essa tolerância à brasileira, no entanto, é apenas uma fachada para esconder a discriminação que os descendentes de africanos sofrem por aqui. (PEREZ; MONTENEGRO, 2013. p. 75)

O mesmo texto lembra outros acontecimentos ocorridos mais ou menos na mesma época da morte de Mandela e que ajudaram a iluminar o racismo como um problema público do Brasil. Um deles foi o “suposto pedido da FIFA para substituir os atores negros Lázaro Ramos e Camila Pitanga como apresentadores do sorteio da Copa do Mundo” pelos também atores (brancos) Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert. A notícia “provocou uma onda de manifestações nas redes sociais acusando a entidade de racismo” (PEREZ; MONTENEGRO, 2013. p. 76). Outro caso é o do morador de rua negro Rafael Braga Vieira, condenado por ter participado das manifestações de junho no Rio de Janeiro.

Ele recebeu uma pena de cinco anos de prisão pelo porte de duas garrafas que, segundo o juiz Guilherme Schilling Pollo Durate [...] seriam usadas como bombas incendiárias. De acordo com um laudo utilizado pelo magistrado para justificar sua decisão, um dos recipientes possuía ‘mínima aptidão para funcionar como coquetel molotov’, mas a defesa diz que as garrafas continham água sanitária e desinfetante. (PEREZ; MONTENEGRO, 2013. p. 75)

O terceiro caso tematizado por esse discurso é o da gerente administrativa Maria Izabel Neiva, impedida de fazer a matrícula do filho Lucas, em uma escola particular de Guarulhos, na Grande São Paulo (SP):

Em depoimento à polícia, a diretora do Colégio Cidade Jardim Cumbica afirmou que o cabelo do menino é ‘muito grande e crespo’. (PEREZ; MONTENEGRO, 2013, p. 76)

Todos esses casos, lembrados a partir da morte de Mandela, apontam o racismo como um problema público grave no Brasil. Problema esse que fora percebido pelo próprio Mandela cerca de 20 anos atrás, em sua primeira visita ao Brasil, em um almoço na casa do então governador da Bahia Antônio Carlos Magalhães, como relata a jornalista Ruth de Aquino:

Mandela percebeu rapidamente, ali na Bahia, que o Brasil estava longe de ser uma democracia racial. Não por ódio ou segregação formal. Mas pela falta histórica de representatividade dos mestiços e negros nos altos postos da sociedade, da economia e da política. Pedia aos brancos brasileiros apoio a sua eleição para a Presidência da África do Sul pós-apartheid. Tinha toda a autoridade do mundo para pedir o que fosse. Seu sonho sempre foi a conciliação e a união entre homens e mulheres de boa vontade, de todos os credos e cores. (AQUINO, 2013, p. 154)

A morte de Mandela iluminou o *campo problemático* (QUÉRÉ, 2005) do racismo existente no Brasil e demonstrou como um acontecimento pode revelar questões candentes de um contexto. Ainda que, do ponto de vista legal, o racismo seja crime no país — desde a Constituição de 1988 —, na experiência cotidiana, proliferam os casos de discriminação racial, como os apontados acima. A desigualdade entre brancos e negros foi construída historicamente no país, apesar do processo de miscigenação — apontado como um caminho de inclusão racial nas obras clássicas de Gilberto Freyre (1977, 2003):

houve no Brasil um forte trânsito entre os grupos, mas que teve como marca fundamental o estabelecimento de relações desiguais, nas quais os negros mantiveram-se em posição de subalteridade, processo este iniciado durante a escravidão. (AVRITZER; GOMES, 2013, p. 54)

Problema arraigado na sociedade brasileira, o racismo precisa ser tematizado e discutido, a fim de se encontrar outras formas de inclusão para além da referida miscigenação — como as políticas de ação afirmativa através de cotas nas universidades adotadas no país. Como destacam Avritzer e Gomes (2013), para a atribuição de um *status* de igualdade entre brancos e negros

tanto no espaço público quanto social e privado, é necessário o desvelamento de elementos simbólicos e subjetivos que levem à desconstrução dos mesmos e estabeleçam novos padrões de relação que não serão resolvidos apenas a partir da adoção de um estatuto legal nacional, mas que demandam, também, uma desnaturalização do racismo e da discriminação que penetram as relações do âmbito social e privado. (AVRITZER; GOMES, 2013, p. 58)

A morte de Mandela foi, assim, um dos acontecimentos que tematizou o racismo em nosso país, e as discussões geradas a partir dela podem colaborar na desconstrução desse problema público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste texto foi refletir sobre uma das faces da cultura das celebridades na contemporaneidade: o modo como a morte delas impulsiona a reconstrução de uma biografia pela mídia, ao mesmo tempo em que pode iluminar certo campo problemático. Assim, procuramos analisar a reconstrução



da trajetória de vida de Nelson Mandela a partir de diferentes discursos veiculados em revistas semanais de informação, os quais foram impulsionados por sua morte. Acreditamos que esses textos são uma mostra do que foi publicado pela mídia naquele contexto, mas certamente não trazem toda a complexidade desse acontecimento. Entretanto, a partir dessa pequena amostra, procuramos compreender como a morte de Mandela impulsionou esses e outros relatos que, enredados, conformam uma biografia do líder sul-africano. Procuramos, assim, analisar dois eixos desse acontecimento que nos permitem compreender a presença e a força dessa figura pública na contemporaneidade: o seu poder de afetação e o seu poder hermenêutico.

O poder de afetação da morte de Mandela advém de um conjunto de traços e valores que essa celebridade personifica: a igualdade, a justiça, o altruísmo são destacados em sua trajetória, configurando “uma experiência social singular” (KOFES, 2001, p. 27). São valores que sobressaem na construção de um projeto social coletivo — em uma sociedade muito individualista. Na biografia do líder sul-africano construída a partir dos discursos analisados, destaca-se justamente essa personificação da igualdade e da justiça na imagem pública de Mandela, que deve ser perpetuada na *memória coletiva* (HALBWACHS, 2003).

O poder hermenêutico da morte de Madiba, por sua vez, nos levou a perceber o potencial de revelação de um acontecimento como esse. Além de iluminar o próprio contexto sul-africano (as conquistas e o legado de Mandela), essa ocorrência tematizou um importante problema público brasileiro: o racismo que impera nas relações entre os indivíduos e grupos em nosso país. Procuramos discutir como a morte de Mandela impulsionou discussões acerca dessa questão e pode contribuir para que novas formas de inclusão racial sejam conquistadas no Brasil.

Assim, na *totalização do sentido* (CARDOSO E CUNHA, 2005) da vida de Mandela, construída e elaborada midiaticamente, destacam-se valores compartilhados socialmente — a igualdade, a justiça, o altruísmo — e que são agregados à imagem dessa figura pública. Além disso, nessa *reescrita da vida* (CHAIA, 1996) do líder sul-africano evidencia-se, sobretudo, a luta contra o *apartheid* em seu país. Ao tematizar esse acontecimento, alguns dos discursos analisados atentaram para um problema público similar arraigado na sociedade brasileira: o racismo. Nesse sentido, podemos apreender tanto o modo como a morte de Mandela sensibiliza e afeta os sujeitos (a partir dos valores que essa figura pública personifica) assim como o seu potencial de revelação de uma questão candente não apenas no contexto específico da África do Sul, mas também do Brasil (apesar das distinções). Ou seja, como o poder de afetação e o poder hermenêutico de um acontecimento podem elucidar aspectos configuradores do contexto contemporâneo e da cultura das celebridades que o constitui.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Ruth. Meu encontro com Mandela. *Época*, Rio de Janeiro, p. 154, 9 dez. 2013.
- ARENDT, Hannah. Compreensão e Política. In: _____. *A dignidade da política*. Ensaios e conferências. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993. p. 39-53.
- ATTUCH, Leonardo. Mandela, no Brasil, ainda estaria preso. In: *IstoÉ*, São Paulo, p. 54, 11 dez. 2013.
- AVRITZER, Leonardo; GOMES, Lilian C. B. Política de reconhecimento, raça e democracia no Brasil.

Dados, Rio de Janeiro, v. 56, p. 39-68, 2013.

BARBOSA, Marialva. "A morte imaginada". Texto apresentado para o GT Comunicação e Sociabilidade do XIII Encontro Anual da COMPÓS, 2004. São Bernardo do Campo: UMESP.

CARDOSO E CUNHA, Tito. Acontecimento e biografia. *Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Lisboa, n. 6, p. 105-108, 2005.

CHAIA, Miguel. Biografia: método de reescrita de vida. In: HISGAIL, Fani. (Org.) *Biografia: sintoma de cultura*. São Paulo: Hacker editores, Cespuc, 1996. p. 75-82.

COSTA, Antonio Luiz M. C. Nelson Mandela de corpo inteiro. In: *Carta Capital*, São Paulo, p. 54-59, 18 dez. 2013.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009.

EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FRANÇA, Vera; FREIRE FILHO, João; LANA, Lígia; SIMÕES, Paula. *Celebridades no século XXI: transformações no estatuto da fama*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/INL, 1977.

_____. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2003.

GIANINI, Tatiana. Mandela: o herói incomum. In:

Veja, São Paulo, p. 129-136, 11 dez. 2013.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

MORIN, Edgar. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

O MUNDO sem Mandela. In: *IstoÉ*, São Paulo, p. 64-67, 11 dez. 2013.

PASOLINI, Pier Paolo. Observações sobre o plano-sequência. In: _____. *Empirismo hereje*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982. p. 193-196.

PEREZ, Fabíola; MONTENEGRO, Raul. Racismo à brasileira. In: *IstoÉ*, São Paulo, p. 75-77, 11 dez. 2013.

PIGNATARI, Décio. Para uma semiótica da biografia. In: HISGAIL, Fani. (Org.) *Biografia: sintoma de cultura*. São Paulo: Hacker editores, Cespuc, 1996. p. 13-19.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.

_____. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANCA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de; (Orgs.) *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 21-38.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.



ROJEK, Chris. *Celebridade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Michael. A mídia e a construção do biográfico. *Revista Tempo Social*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 279-309, maio de 2000.

SEGALLA, Amauri. O último herói. In: *IstoÉ*, São Paulo, p. 68-74, 11 dez. 2013.

SIMÕES, Paula Guimarães. *O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo*. 2012, 282f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

TAYLOR, Charles. *A ética da autenticidade*. São Paulo: É Realizações, 2011.

TURRER, Rodrigo; SIMÕES, Rogério. O que Mandela tem a ensinar. In: *Época*, Rio de Janeiro, p. 42-49, 9 dez. 2013.

Da morte à biografia de Mandela:
acontecimento, celebridade e problema público
Paula Guimarães Simões

Data de envio: 30 de junho de 2014.
Data de aceite: 06 de outubro de 2014.

